

Simonsen quer usar choques para inflação

JOSAFA DANTAS
Enviado especial

Salvador — O Banco Mundial previu um crescimento de 0,8 por cento para o Brasil neste ano. Essa previsão, entretanto, não é endossada pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que acha ser possível um crescimento em 84, mas recusou-se, categoricamente, a fazer qualquer previsão percentual, ressaltando que ainda é muito cedo para estimativas. Simonsen defendeu, inclusive, melhor administração dos preços públicos, com reajustes disfarçados, como forma de conter o processo inflacionário.

Esse seu comentário foi feito na manhã de ontem em Salvador, onde participou do V Congresso Nacional de Sociedades Corretoras de Valores, e falou sobre a problemática da conjuntura econômica nacional, em especial sobre a falta de uma política gradual de desindexação da economia, como forma de combate à inflação. Simonsen acha que não deve mais ficar discutindo gradualismo, mas sim fazer um tratamento de choque sério para reduzir a curva inflacionária.

O ex-ministro mostrou-se bastante realista e não pessimista, ao comentar o crescimento da produção industrial brasileira nos meses de janeiro e fevereiro. Apesar de achar que são dados concretos e auspiciosos, ele não acredita na retomada do crescimento, e diz que é muito precipitado fazer uma definição do comportamento da economia como um todo, com o resultado de apenas dois meses do ano. A elevação é apenas setorial, e neste ano poderá ocorrer um ligeiro crescimento, que será puxado pela exportação, disse o ex-ministro dos governos Geisel e Figueiredo.

Ao falar sobre a situação da dívida externa brasileira, Simonsen elogiou a posição do ministro do Planejamento, Delfim Netto, que pretende pedir ao Fundo Monetário Internacional um tratamento equivalente com o que deverá ser dispensado à Argentina. Simonsen também achou muito boa a decisão do ministro da Fazenda, Ernane Galvão, de solicitar ao FMI maior fiscalização das contas dos países industrializados, e em especial dos Estados Unidos, para con-

trolar o seu volumoso gasto público, que é a principal causa da alta crescente das taxas de juros do mercado internacional.

Os bancos credores do Brasil, no entender de Simonsen, não podem fazer mais nada pelo Brasil, a não ser reduzir os seus *spreads*. As instituições financeiras são obrigadas a captar recursos no mercado, com base na *libor*, que também é definida pelo déficit dos países industrializados, e em especial os EUA. O ex-ministro não acredita que as taxas de juros cheguem a 15,52 por cento, como previu o especialista americano Kaufman. Simonsen ironizou Kaufman, lembrando que o mesmo já havia previsto taxas de 25 por cento para 1980, e isso não aconteceu, pois ficou em patamares bastante inferiores.

Simonsen voltou a defender a reestruturação do Sistema Financeiro Internacional, como melhor forma para resolver os problemas econômicos mundiais, mas não acha que seja necessário realizar uma nova assembléia, semelhante à ocorrida em 1949, em Bretton Woods, quando foram criados o atual Sistema Financeiro e o FMI. O ex-ministro criticou, inclusive, os brasileiros que defendem a renegociação governamental a governo, explicando que o débito do Brasil com os EUA e com o Clube de Paris já foi equacionado. Agora o problema é com os bancos credores, ressaltou, pois os governos daqueles países não têm mais nada a ver com a questão.

O ex-ministro não quis falar sobre os efeitos que a renegociação da dívida externa da Argentina poderia trazer para a América Latina, voltando a utilizar a sua famosa frase "é muito cedo para qualquer prognóstico". Mas ele acha que um passo importante foi dado quando o Brasil, o México, a Colômbia e a Venezuela resolveram ajudar a Argentina.